

COERÊNCIA EM TEXTO NARRATIVO: UMA INTERFACE ENTRE A PSICOLINGÜÍSTICA E PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

Caroline Bernardes Borges – PUCRS

Patrícia de Andrade Neves – PUCRS

Vera Wannmacher Pereira – PUCRS

INFORMAÇÕES SOBRE AS AUTORAS

Caroline Bernardes Borges é Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da PUCRS (Bolsista integral CNPq). Mestre em Linguística pelo PPGL/PUCRS (2018). Graduada em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas) pela Faculdade de Letras da PUCRS (2015). Membro dos grupos de pesquisa "Estudos Cognitivos e Culturais das Linguagens" (CNPq) e "Aquisição, aprendizado e processamento cognitivo da linguagem: instrumentos, procedimentos e tecnologias" (CNPq), que estão inseridos no Núcleo de Pesquisa em Cognição, Cultura, Linguagens e Interfaces: Ciência, Arte e Tecnologia, da PUCRS

E-mail: carolineh_borges@hotmail.com

Patrícia de Andrade Neves possui Graduação em Letras - Português e Inglês pela Faculdade Porto-Alegrense (2013), é Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2017). Atualmente é Professora de Língua Inglesa no Colégio Israelita de Porto Alegre. Doutoranda PUCRS, na área da Psicolinguística, bolsista CNPq, e desenvolve atividades como pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Cognição, Cultura, Linguagens e Interfaces: ciência, arte e tecnologia – NUCCLIN, que se caracteriza por trabalho integrado de ensino, pesquisa e extensão.

E-mail: andradeneves.patricia@gmail.com

Vera Wannmacher Pereira é bolsista de Produtividade DT do CNPq. Possui mestrado e doutorado em Letras (concentração em Linguística Aplicada) e pós-doutorado em Psicolinguística. Na Escola de Humanidades: Letras da PUCRS, é docente titular e permanente do PPGL. Desenvolve atividades como professora, pesquisadora e orientadora e coordena o Núcleo de Pesquisa em Cognição, Cultura, Linguagens e Interfaces: ciência, arte e tecnologia – NUCCLIN, que se caracteriza por trabalho integrado de ensino, pesquisa e extensão. Seus estudos e experiências, com ênfase na compreensão e no processamento da leitura, estão situados na Psicolinguística e interfaces, utilizando tecnologias, como processos e produtos.

E-mail: vpereira@pucrs.br

RESUMO

Atividades que envolvam a leitura estão intimamente ligadas ao combate às patologias emocionais que atingem as pessoas, já que por meio delas há a contribuição para o bem-estar físico e mental (SEITZ, 2006). Já os textos que possuem sequências narrativas dominantes (ADAM, 2011) podem ser trabalhados com pacientes psiquiátricos internados, pois segundo Onocko-Campos et al. (2013), os textos narrativos estão atrelados à noção de temporalidade, que envolve personagens e enredo, ocorrendo dessa forma a verossimilhança. Por sua vez, a crônica é considerada um gênero de maior aproximação com o leitor, já que possui uma linguagem mais natural e se utiliza do humor (CÂNDIDO, 1992). Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é a elaboração e a análise de uma atividade de leitura do gênero crônica, com foco na compreensão leitora e na consciência textual, no que se refere à coerência – manutenção e progressão temática, sugerida a pacientes psiquiátricos internados. Por meio das percepções da atividade pelo grupo de

ABSTRACT

Activities that involve reading are closely related when it talks about combating the emotional pathologies that affect people, since through them there is the contribution to the physical and mental well-being (SEITZ, 2006). The texts that have dominant narrative sequences (ADAM, 2011) can be worked with inpatient psychiatric patients, because according to Onocko-Campos et al. (2013), the narrative texts are linked to the notion of temporality, which involves characters and plot, thus occurring verisimilitude. In turn, the chronicle is considered a genre of greater approximation with the reader, because it has a more natural language and it uses humor (CÂNDIDO, 1992). Therefore, the purpose of this research is the elaboration and analysis of a reading activity of the chronic genre, with a focus on reading comprehension and textual awareness, with regard to coherence - maintenance and thematic progression, suggested to psychiatric inpatients. Through the perceptions of the activity by the group of health professionals, who work in the



profissionais de saúde, que atuam na internação, e dos profissionais da Psicolinguística é mostrada a viabilidade, os novos direcionamentos linguísticos e a boa aceitação da atividade sugerida na promoção do bem-estar físico e mental de pacientes psiquiátricos internados.	hospitalization, and the psycholinguistic professionals it is shown the viability, the new linguistic directions and the good acceptance of the suggested activity in promoting the physical and mental well-being of psychiatric inpatients.
--	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Atividade de Leitura; Psicolinguística; Pacientes Psiquiátricos Internados.	Reading Activities; Psycholinguistic; Psychiatric Inpatients.

INTRODUÇÃO

A função terapêutica da leitura é alvo de diversas pesquisas no meio acadêmico. Segundo Seitz (2006), por meio da leitura há uma diminuição da dor e da agressividade na internação hospitalar, pois o paciente faz a ligação com a realidade fora da internação, verbaliza os seus problemas, reduz a ansiedade, a monotonia e o medo. Entretanto, mesmo com diversas pesquisas sobre a biblioterapia hospitalar, poucos são os profissionais da área de Letras que as desempenham. A Psicolinguística em interface com a leitura em ambiente hospitalar (unidade de internação psiquiátrica) pode direcionar as atividades de compreensão leitora por meio de um embasamento teórico específico. Dessa forma, as diversas teorias linguísticas, os variados gêneros e tipos textuais direcionam para diferentes objetivos nas atividades de leitura.

A presente pesquisa emerge dos questionamentos das pesquisadoras a partir de um projeto de extensão (oficina de leitura desenvolvendo o bem-estar) e pesquisa (banco de dados pelo CNPq) já desenvolvido na ala psiquiátrica de um hospital de Porto Alegre há 4 anos, proporcionando a interface entre a Faculdade de Letras e a Psiquiatria do hospital. Sendo assim, é apresentado no presente artigo um estudo que teve como propósito a elaboração e a análise de uma atividade de leitura com foco na compreensão leitora e na consciência textual, no que se refere à coerência - manutenção/progressão temática. Essa atividade é destinada a pacientes psiquiátricos internados, investigando, através de uma pesquisa de cunho qualitativo, a pertinência dessa atividade ao referencial teórico e metodológico, considerando o objetivo de desenvolvimento do bem-estar dos pacientes. Essa atividade de compreensão leitora e consciência textual focaliza, especificamente, textos de estrutura narrativa dominante (crônicas) e foi analisada e aprovada por profissionais da psicolinguística e da área da saúde.

Inicialmente, o artigo discorre sobre os pressupostos teóricos pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa como, por exemplo: a compreensão leitora de textos de estrutura narrativa dominante (crônicas), enfatizando a consciência textual nos aspectos da progressão e manutenção temática, com base, entre outros autores, em Gombert (1992),

Adam (2011), Charolles (1978), Pereira & Cabral (2012), Marcuschi (2003). Também são abordados conceitos importantes sobre a leitura em ambiente hospitalar, entre outros autores, em Seitz (2006), Antonello (2013), Caldin (2001); e, por fim, algumas noções sobre pacientes psiquiátricos ancoradas em Pacheco (2003), entre outros. Posteriormente, é apresentada uma atividade que foi sugerida utilizando um texto de estrutura narrativa dominante (crônica), e que objetivou a compreensão leitora e a consciência textual especificando alguns dos elementos constituintes desta (a progressão e a manutenção temática), seguindo com a análise e o confronto dos dados coletados com os fundamentos teóricos. Por fim, dadas as conclusões, pode-se verificar a viabilidade da atividade sugerida e os aspectos que devem ser mantidos e modificados para uma possível aplicação futura com os pacientes psiquiátricos internados.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, os pressupostos teóricos que embasaram o estudo aqui relatado estão organizados em quatro subseções: 1) leitura e bem-estar, abrangendo a compreensão leitora sob o viés psicolinguístico (PEREIRA, 2012; SMITH, 2003), o bem-estar através da leitura e a leitura no ambiente hospitalar (SEITZ, 2006; ANTONELLO, 2013; CALDIN, 2001); 2) pacientes psiquiátricos internados (PACHECO, 2003); 3) crônica narrativa (VAN DIJK, 1988, 2003, 2006, 2008; ADAM, 2011; CÂNDIDO, 1992), gênero que serviu de base para a elaboração da atividade; e 4) consciência textual (GOMBERT, 1992), focalizando a coerência, no que se refere a manutenção e progressão temática (CHAROLLES, 1978).

1.1 LEITURA E BEM-ESTAR: A BIBLIOTERAPIA NO AMBIENTE HOSPITALAR

Os conceitos de compreensão leitora que fundamentaram este estudo estão ancorados na Psicolinguística, que investiga o processo de leitura e suas variáveis. Em razão do trabalho integrado entre Letras e Saúde, a noção de leitura aqui abordada também está relacionada ao bem-estar e a seu poder terapêutico.

De acordo com importantes estudos psicolinguísticos citados ao longo da exposição desta fundamentação teórica, a compreensão leitora é o processo interativo realizado durante o ato de decodificação e construção de sentido dos textos, que só é possível em virtude da relação entre o texto, o leitor e o contexto em que ambos estão inseridos (KLEIMAN, 1992). Goodman (1976) define a leitura como um jogo psicolinguístico de adivinhação que relaciona, de forma articulada, pensamento e linguagem. Dessa forma, o ato de ler é caracterizado por ser ativo e dinâmico, já que o leitor utiliza esse jogo psicolinguístico de predição para chegar à compreensão leitora.

Pereira (2002) afirma que o processo de compreensão ocorre com base nas características e pistas linguísticas do texto, no leitor, com todos os seus conhecimentos prévios, e nos objetivos de leitura particulares.

Silva (1997) aborda a leitura como processo constituído por quatro ciclos: ciclo ótico, ciclo perceptual, ciclo gramatical e ciclo de sentido, que ocorrem à medida que a leitura progride, um seguido do outro até que a leitura chegue ao fim. O contexto é de fundamental importância para que esses ciclos aconteçam, pois a leitura ocorre por meio da construção de sentido do texto por meio da relação entre o texto e o leitor, da representação da realidade, dos conhecimentos compartilhados, dos aspectos linguísticos, dos conceitos e do contexto social. Para Kleiman (1992), o ato de ler é uma atividade social em que leitor e autor interagem seguindo seus objetivos e necessidades estabelecidos socialmente.

Kato (1985) atenta para a importância das estratégias cognitivas (conscientes) e metacognitivas (inconscientes/automáticas) realizadas pelo leitor durante a leitura. A autora afirma que a partir dessas há o esclarecimento dos propósitos de leitura, a identificação dos aspectos relevantes ou não das mensagens, a distribuição da atenção (contribuindo para a maior concentração do leitor), o monitoramento das atividades (verificação da compreensão leitora e do alcance dos objetivos), a adoção de ações corretivas em decorrências das possíveis falhas na compreensão e a prevenção contra distrações.

Tendo em vista as concepções de compreensão leitora e do ato de ler aqui explanadas, relaciona-se o desenvolvimento do bem-estar à literatura porque essa auxilia no processo de dispersão da dor ao utilizar a imaginação durante a leitura. De acordo com Hasse (2004, p.17), “têm sido usadas através da história da humanidade para ajudar pessoas a se expressarem criando um senso de identidade, promovendo o crescimento pessoal e favorecendo o bem-estar físico”. A autora afirma, ainda, que os profissionais da saúde têm recomendado e utilizado livros para ajudar os pacientes a superar suas dores e problemas.

Segundo Caldin (2001), o trabalho com leitura dirigida, com textos previamente selecionados e com discussão em grupo, favorece a interação entre as pessoas e, assim, elas acabam compartilhando seus sentimentos e encontrando soluções para seus problemas. Bibliotecários e psicólogos utilizam o termo biblioterapia para conceituar a função terapêutica da leitura. A biblioterapia (CALDIN, 2001) é um processo de interação que utiliza a leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvantes para tratamento de doenças físicas e mentais, podendo ser utilizada na área da educação e da saúde, auxiliando na reabilitação de indivíduos de qualquer faixa etária.

Os gregos já entendiam o papel da leitura como forma de tratamento médico e

espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma” (ALVES, 1982, p.13). A função terapêutica da leitura está relacionada à reflexão e à transformação de quem lê em relação a si mesmo e ao mundo, proporcionando um maior equilíbrio do estado emocional do leitor, principalmente quando ele se identifica com algum personagem, por exemplo (BALCUNAS, 2008). Almeida (2010) afirma que auxilia, também, no desencadeamento da liberação de sentimentos contidos. Sobre a função terapêutica da leitura, Caldin ressalta que:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a ideia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão (CALDIN, 2001, p 05).

Deste modo, percebe-se que as atividades de leitura não são exclusivamente para os ambientes formais educacionais, pois podem trazer benefícios em diversos outros contextos. Para aqueles que passam por um momento de internação, a leitura pode amenizar os sentimentos de angústia, de ansiedade, de tristeza, de medo e de outras reações devido à doença, garantindo a eles um bem-estar físico e mental proporcionado pelo distanciamento das dificuldades vividas (ALVES, 1982). Quanto a isso, Orsini (1982, p. 141) afirma que “nessa escapada, há como que um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que uma das funções da literatura é a de aliviar as tensões da vida diária”.

Além dos benefícios já citados, a leitura de histórias, tanto pelo paciente como por um contador, auxilia na “transformação do ambiente hospitalar, possibilitando o aumento do convívio, a socialização e o desenvolvimento mais saudável” (SANTANA, 2007, p. 21). Colabora, assim, na reconstituição do espaço e do afeto que, por vezes, são perdidos, e são aspectos fundamentais para preservação da saúde. Auxilia na aceitação da situação de enfermidade e tratamento pelos pacientes, estimulando-o para chegar à cura.

Estudos realizados por Seitz (2006), com pacientes internados em clínica médica, revelaram que a leitura é uma atividade de lazer que humaniza a internação. Segundo a autora, “observa-se que os hospitais, na sua maioria, não oferecem nenhuma atividade e lazer aos seus pacientes. Desse modo, os pacientes ficam horas e horas inertes no leito olhando para o teto, mergulhados na sua dor, em seus pensamentos e preocupações” (SEITZ, 2006, p.158).

Assim, o ato de contar histórias tem o poder de amenizar as angústias psicológicas dos pacientes, possibilitando novos aprendizados. Silva (1997, p. 11) afirma que “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e eleva”.

Com isso, pode-se entender a importância da leitura nesses ambientes. A seguir, é apresentado o tópico sobre pacientes psiquiátricos internados, de modo a evidenciar as características do grupo-alvo a que é destinada a atividade elaborada.

1.2 PACIENTES PSIQUIÁTRICOS INTERNADOS

A literatura existente sobre esse público é bastante vasta devido à complexidade dos assuntos relacionados às doenças psiquiátricas. Segundo Pacheco (2003), a internação de um paciente psiquiátrico em uma Unidade de Internação Psiquiátrica (UIP) acontece somente quando todas as possibilidades e recursos fora do ambiente hospitalar não são mais suficientes. Desse modo, a última alternativa possível é a internação. Sobre isso, o autor declara que

A UIP existe para resguardar pacientes afetados por alguma enfermidade mental que altere o psiquismo em seu juízo crítico, sua capacidade de controlar condutas, na iminência de expor o indivíduo a riscos de causar danos severos a si mesmo e/ou a outrem. Portanto, não é a doença que determina a indicação de internação e sim o tipo de alteração psíquica a que o paciente está submetido em virtude dela. Legalmente está previsto que a internação em qualquer de suas modalidades só será indicada quando recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes (PACHECO, 2003, p.107).

Com isso, percebe-se que os casos que necessitam de internação requerem cuidados específicos. As doenças mentais referem-se a comportamentos que se afastam do que é considerado dentro da normalidade. Esses comportamentos podem ter diversas causas, que são oriundas das histórias de vida do paciente. Entre elas estão as causas somáticas, os conflitos psicológicos advindos da infância ou de outros momentos da vida, a não adaptação aos problemas e a incapacidade de solucioná-los, entre outras (GLEITMAN et al., 2003).

De acordo com Pacheco (2003), os motivos que podem levar um indivíduo a tornar-se um paciente psiquiátrico variam de acordo com o caso. Entre eles estão: o ato suicida; o risco de suicídio ou autoagressão, nos casos de pacientes com depressão ou esquizofrenia; o risco de homicídio ou de heteroagressão, nos casos de pacientes com sintomas psicóticos e/ou paranoicos; a desorganização mental e/ou psicose produtiva com falta de cuidados básicos e/ou agitação psicomotora e/ou exposição social, nos casos de

pacientes com psicose aguda ou crônica e pacientes com *delirium* ou demência; a exaustão familiar decorrente de doença mental; a perda da autonomia psíquica devido à abstinência de substâncias psicoativas, levando à perda da competência mental em virtude da dependência química; o sofrimento mental intenso com solicitação de hospitalização do paciente ou falta de apoio e suporte da família, nos casos de pacientes com quadros de ansiedade generalizada, fobias ou pânico; e os riscos de provocação de iatrogenia – efeitos inesperados ou complicações em decorrência de algum tratamento médico – ou exames e procedimentos invasivos desnecessários, que podem ocorrer em pacientes com transtornos de pânico, dissociativos, conversivos ou de hipocondria.

Como é possível observar, os motivos que levam os indivíduos a tornarem-se pacientes de uma internação psiquiátrica são variados. Em função disso, os métodos de tratamento requerem cuidados relacionados a essas especificidades. Um dos procedimentos realizados com os pacientes em uma Unidade de Internação Psiquiátrica é a ambientoterapia, que ocorre através de práticas individuais e/ou grupais, desenvolvendo atividades que foram excluídas da vida do paciente devido às doenças psiquiátricas particulares de cada um. De acordo com Pacheco (2003), o convívio e a interação entre os pacientes proporcionados nessas atividades os auxiliam no desenvolvimento da autocrítica, na organização mental, na reflexão, na autoestima, na inserção social e, conseqüentemente, proporcionam bem-estar.

Nesse sentido, as atividades que exercitam em grupo e desenvolvem a compreensão leitora e a consciência textual se enquadram nesse tipo de abordagem, pois muitos pacientes com problemas psiquiátricos têm bastante dificuldade de se expressarem, fecham-se em seus mundos internos e tornam-se prisioneiros de suas dores e tormentos. Através das atividades – incluindo a comunicação com o outro pela prática de leitura e reflexão em grupo –, então, podem desenvolver a habilidade de expressão, organizando e externalizando melhor seus sentimentos (NEVES, 2017). Com isso, o processo terapêutico pode ser potencializado e oferecer melhores resultados para o paciente. Sobre isso, Quaknin (1996, p. 155) afirma que

No diálogo biblioterapêutico, cada comentário sobre o texto acrescenta, inflete, opõe, introduz um jogo no sentido e um movimento na identidade. O livro abre para o “espaço potencial” de um jogo, que libertará o conjunto de bloqueios e imobilidades identitárias nos quais um homem pode ter-se deixado encerrar.

A retomada ao convívio social, das relações entre o paciente e as pessoas a sua volta, como observado a partir das ideias de Quaknin (1996), pode ser “libertadora” para o paciente. A importância do desenvolvimento de atividades como essas está ancorada no processo de “desculturação” que ocorre com o paciente (MENDONÇA, 2005). Segundo a autora, trata-se de um processo em que a pessoa que vivia em sociedade passa a fazer

parte de uma internação psiquiátrica e todos os seus hábitos de vida são transformados, além de passar a sofrer os efeitos físicos e mentais do tratamento medicamentoso, o que pode gerar diversos conflitos.

As atividades de leitura em grupo, então, proporcionam um processo de tratamento com maior bem-estar, mais leve e descontraído. Por meio das atividades, por exemplo, os pacientes têm a possibilidade de se expressarem coletivamente de maneira criativa e mudarem seu cotidiano dentro da Unidade de Internação Psiquiátrica, tornando o período de internação mais saudável e flexível.

Mendonça (2005) ressalta, ainda, que a partir das atividades de leitura os pacientes podem se remeter ao passado, compartilhar suas histórias de vida e um paciente motivar outros a expressarem também seus relatos pessoais. Desse modo, o próprio processo instiga a participação de outros pacientes. Por meio dessas práticas, o paciente inicia um novo processo de socialização, afastando-se da rotina imposta pela internação e reencontrando-se com o seu próprio eu, entendendo seus mais diversos sentimentos e aprendendo a lidar com eles. Experimenta novamente, aos poucos, as práticas de cidadania e, assim, pode se reabilitar para o convívio de forma saudável em sociedade.

Na próxima subseção, serão abordados os pressupostos teóricos relacionados à crônica narrativa, gênero e tipo escolhido para servir de base para a atividade construída.

1.3 CRÔNICA NARRATIVA

Nesta subseção, trataremos do gênero crônica e do tipo textual narrativo, pois constituem o gênero e o tipo escolhidos para compor a atividade em decorrência das suas especificidades. Convém, primeiramente, entender a diferença entre gênero e tipo textual, para assim ser possível entender as características desses textos.

De acordo com Marcuschi (2003), o tipo textual está relacionado a uma série de constructos teóricos definidos por determinadas propriedades linguísticas. Constitui, assim, uma sequência de enunciados dominantes e um conjunto de aspectos lexicais, de relações lógicas e de tempo verbal. Entre eles estão o narrativo, o descritivo, o injuntivo, o dissertativo, etc. Por sua vez, gênero textual, segundo o mesmo autor, refere-se a conjuntos relativamente estáveis de enunciados, ou seja, à classificação dos textos conforme suas características comuns em relação à linguagem, ao conteúdo, ao contexto. São textos que fazem parte do nosso cotidiano de forma materializada, apresentando características relacionadas ao conteúdo, às funções, ao estilo e à composição característica. Entre eles estão, por exemplo, a crônica, a fábula, a letra de música, a charge, a história em quadrinhos, entre outros.

Neste estudo, conforme já anunciado, o gênero textual utilizado foi a crônica, com

estrutura predominantemente narrativa, caracterizado por abordar temas contemporâneos a sua época de produção. São assuntos do cotidiano das pessoas tratados por meio da linguagem coloquial, comumente mais despojada e informal. Devido a essas características, são textos atrativos e acessíveis para pacientes psiquiátricos, facilitando a compreensão e o envolvimento com o enredo ali encontrado.

Como possui uma linguagem que a aproxima dos mais diversos leitores, geralmente a crônica é considerada um gênero “menor”, “inferior” por alguns críticos (CÂNDIDO, 1992). Sua linguagem simples que auxilia o leitor no estabelecimento dos cenários, dos fatos e das pessoas, é considerada, por vezes, menos canônica por distanciar-se da linguagem mais erudita, de acesso mais limitado, considerada pelo cânone como “superior”. Justamente pelas características próprias do gênero, tais textos vão ao encontro dos objetivos da pesquisa, de promover o bem-estar a pacientes internados em uma UIP através da leitura.

Para conceituar a narrativa, Squire (2005) afirma que são sequências de signos que podem mover-se de forma temporal e operar inclusive em imagens, no caso dos textos não verbais. Como os textos com estrutura narrativa dominante geralmente operam de forma cronológica e lógica, possuem estruturas fáceis de serem compreendidas pelos pacientes psiquiátricos, exigindo pouco esforço cognitivo. Além disso, como os níveis de escolaridade dos pacientes são variados, esses textos suprem as necessidades apresentadas por essas diferenças. Pela sua aproximação com o cotidiano e pelas demais características linguísticas por ela apresentadas, a leitura de crônicas pode auxiliar na compreensão da temporalidade das ações, aspecto que fica debilitado para o paciente que está internado.

Para Adam (2011), as narrativas possuem uma estrutura hierárquica com um determinado número de sequências, que são entidades autônomas de forma relativa com uma organização interna. Segundo o autor, para que um texto possua um alto grau de narrativização, a trama deve ser constituída por cinco proposições narrativas (Pn): Pn1 – situação inicial: antecede o processo; Pn2 – nó: parte inicial do processo; Pn3 – avaliação: o percurso do processo; Pn4 – desenlace: o final do processo; e Pn5 – situação final: ocorre após o processo. Caso a narrativa não apresente as cinco proposições narrativas citadas, é considerada com baixo grau de narrativização, sendo, portanto, somente enumeração de ações.

Considerando os conceitos do autor, a narrativa possui uma estrutura característica, envolvendo elementos como: narrador, enredo, espaço, tempo e personagens. Assim, a leitura de sequências narrativas dominantes pode ser benéfica para a compreensão leitora de pacientes psiquiátricos internados também por esse motivo: além da ordem cronológica e lógica apresentada por esses textos, há todos esses outros

aspectos que garantem sua coerência.

Adam (2011) enfatiza, também, que a narrativa é caracterizada pela apresentação de uma mudança de seu estado inicial para o final. O clímax da narrativa auxilia na apresentação dessa mudança, chegando à conclusão do texto. Tais elementos propiciam o estabelecimento de discussões e reflexões após a leitura, visto que os acontecimentos são encadeados e resultam em algo. A partir de uma crônica narrativa, então, foi elaborada a atividade que constitui a pesquisa.

A seguir, o tópico referente à consciência textual é abordado, incluindo os aspectos de coerência aqui analisados (progressão e manutenção temática).

1.4 CONSCIÊNCIA TEXTUAL VOLTADA À COERÊNCIA: MANUTENÇÃO E PROGRESSÃO TEMÁTICA EM FOCO

Conforme exposto anteriormente, a consciência textual também foi contemplada na atividade, a partir da qual foi desenvolvida com enfoque na observação de dois aspectos da coerência textual: a progressão e a manutenção temática.

Segundo Gombert (1992), a consciência metalinguística refere-se à habilidade de refletir conscientemente sobre os aspectos básicos primários das atividades linguísticas. A consciência metalinguística subdivide-se em diferentes tipos, dependendo do plano linguístico alvo da atividade reflexiva. A consciência fonológica envolve a habilidade de segmentar, analisar e manipular os sons que compõem a fala; a consciência morfológica refere-se à habilidade de refletir sobre os morfemas da língua; a consciência sintática envolve a habilidade de manipular a estrutura gramatical e os elementos linguísticos das sentenças, refletindo sobre eles; a consciência pragmática está relacionada à habilidade de reflexão sobre o uso da língua; e, por fim, a consciência textual, que é a habilidade de refletir sobre o texto e sua estrutura.

A consciência textual, apresentada por Gombert (1992), é importante para o desenvolvimento da compreensão leitora, tendo sido abordada na atividade, visto que o olhar voltado para os mecanismos de textualidade, como a sequenciação, o tempo, o espaço, o enredo, etc. auxilia o leitor em vários aspectos, todos já citados anteriormente. Além disso, conforme o autor, a consciência textual volta a atenção do leitor para o texto de forma consciente considerando a estrutura, ou seja, os traços que definem o tipo textual, a coerência, que envolve as relações estabelecidas pelo conteúdo do texto, tanto as internas do texto como as existentes entre o texto e o mundo, a coesão, que contribui para a amarração lingüística do texto, e, ainda, os procedimentos adotados, isto é, os mecanismos que o leitor utiliza para compreender o texto.

Outros fenômenos linguísticos também estão relacionados à consciência textual: a capacidade de monitoramento da leitura, a escrita de textos, a revisão e a manipulação de partes do texto. Assim, a atividade metatextual tem um importante papel no monitoramento da escrita, pois se vale de estratégias na composição e avaliação de textos (GOMBERT, 1992). Durante atividades de desenvolvimento do comportamento metatextual, o indivíduo julga os elementos linguísticos de forma consciente, além de explicitar verbalmente quais critérios utilizou para entender determinado texto.

Entre os aspectos focalizados pela consciência textual, como já salientado, está a coerência. Gombert (1992) afirma que um texto coerente é aquele que possui ideias conectadas. Assim, é necessário detectar contradições no nível conceitual, percebê-las através de novas informações ou informações que o sujeito já possui de forma explícita ou implícita no texto. Compara, então, o que é fornecido pela mensagem do texto com os dados extralinguísticos. Desse modo, percebe-se que a coerência é global e faz parte da macroestrutura textual – o sentido do texto unificado e mantido, bem como a boa formação textual. A coerência garante que os sentidos sejam organizados e relacionados com as partes textuais e o contexto (FERREIRA & DIAS, 2004).

De acordo com Charolles (1978), a coerência realiza-se por meio de quatro metarregras. São elas: metarregra de manutenção temática – para que um texto seja coerente é necessário que ocorra repetição, utilizando recursos como pronominalizações, definitivas, referências contextuais, substituições lexicais, recuperações pressuposicionais, retomadas de inferência, etc.; metarregra de progressão temática – o tema deve ser mantido, mas também deve progredir, evitando que o texto seja repetitivo; metarregra de não contradição interna – a coerência é quebrada se for introduzida uma nova informação ao desenvolvimento do texto que seja contraditória a uma informação anterior, ocasionando contradições temáticas e linguísticas; e metarregra de relação com o mundo – parte do princípio de que os fatos, as ações, os eventos e os estados devem possuir relação com o mundo.

Entre as metarregras propostas por Charolles (1978), a pesquisa aqui relatada tem como foco, na atividade de compreensão leitora proposta, as metarregras de manutenção e progressão temática. O tema e o assunto de um texto devem ser mantidos para que tenha sentido, assim como necessita da progressão temática para equilibrar as novas informações acrescentadas e as informações já existentes. A continuidade, portanto, deve ser mantida mesmo que novos tópicos sejam abordados na produção textual. Koch (2002) complementa a ideia afirmando que a progressão textual é composta por dois movimentos realizados pelo leitor/escritor: a prospecção, que é o avanço do texto, e a retroação, isto é, retomar informações já utilizadas no texto.

Considerando todos os tópicos abordados até aqui, esta pesquisa utiliza crônica

com sequências narrativas dominantes como base da atividade de compreensão leitora. Tal atividade desenvolve a consciência textual ao induzir que o paciente observe os aspectos de manutenção e progressão temática, entendendo a coerência estabelecida nas crônicas narrativas e, conseqüentemente, auxiliando-o em sua reorganização mental e bem-estar.

A seguir, pode-se observar a metodologia utilizada para construção e análise da atividade proposta.

2 METODOLOGIA

Para este trabalho, o texto narrativo escolhido foi a crônica, justificado por ser curto e acessível para o público de pacientes psiquiátricos internados. O texto selecionado foi “Pneu Furado” de Luís Fernando Veríssimo (1990) e, para ele, foi organizada uma atividade contemplando os seguintes tópicos linguísticos: sequências narrativas dominantes, consciência textual e coerência textual (manutenção e progressão temática). Tendo em vista esses aspectos, será, primeiramente, realizada a análise do texto selecionado, com base nos pressupostos teóricos expostos anteriormente. Após, será apresentada a atividade organizada com base na crônica selecionada.

2.1 ANÁLISE DO TEXTO

A progressão temática se caracteriza pela ordenação temporal e identificação das partes que compõem uma narrativa, portanto, auxilia na construção de um texto narrativo coerente. No Quadro 1, observa-se a organização da crônica “Pneu furado” a partir das proposições narrativas de Adam (2011, p.205).

Quadro 1 – Análise do texto à luz das proposições narrativas de Adam (2011)

(Pn1) situação inicial	O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.
(Pn2) nó	Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocava o pneu.
(Pn3) reação ou avaliação	- Você tem macaco? - perguntou o homem. - Não - respondeu a moça. - Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe? - Não - disse a moça.

	- Vamos usar o meu - disse o homem. E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.
(Pn4) desenlace	Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.
(Pn5) situação final	Dali a pouco chegou o dono do carro. - Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado. - É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar. - Coisa estranha. - É uma compulsão. Sei lá.

Fonte: Os autores.

O texto apresenta cinco proposições narrativas de Adam (2011). De forma resumida, na situação inicial (Pn1) um carro com o pneu furado está encostado no meio-fio e uma moça está olhando para ele; no nó (Pn2) um moço para atrás do carro com o pneu furado e se oferece para trocá-lo; na reação (Pn3) o moço troca o pneu; no desenlace (Pn4) a moça, que estava olhando para o moço trocando o pneu furado, pega um ônibus e vai embora; e, por fim, na situação final (Pn5) o verdadeiro dono do carro aparece e agradece ao moço por ter trocado o pneu.

2.2 APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE CONSTRUÍDA

Nesta seção, será apresentada a atividade construída para uso com pacientes psiquiátricos, contemplando os tópicos linguísticos citados anteriormente.

No formato do jogo de dominó, os pacientes são solicitados a colocarem as peças encaixadas segundo as partes do texto e suas respectivas palavras-chave. Através da divisão do texto nas cinco proposições narrativas de Adam (2011) e relacionando-as com os blocos de palavras-chave respectivos, os pacientes conseguem visualizar como ocorre a progressão temática textual, além de captar as ideias centrais de cada parte do texto, ou seja, a manutenção temática.

Na outra parte do dominó, são colocadas as palavras-chave (substantivos concretos) correspondentes à ideia central de cada trecho da crônica segundo as sequências narrativas dominantes. Ao relacionar as palavras-chave as suas respectivas proposições, ocorre a percepção da progressão das ideias e dos fatos enquanto a trama da crônica vai se desenrolando. Também é solicitado aos pacientes, através de um protocolo verbal, feito oralmente, que eles verbalizem como pensaram para executar a atividade. Essa atividade abrange a compreensão e a consciência textual, focalizando a progressão



temática, a manutenção temática e a verbalização desse processo de realização.

Segue o roteiro para desenvolvimento da atividade:

a) vamos começar o jogo dominó. Cada participante ganhará cinco peças. Eu vou tirar uma peça do montante de peças e colocarei sobre a mesa. Cada um de vocês, um por vez, tentará encaixar uma peça retirada desse montante. Se a peça não encaixar, vocês passarão a vez para o participante ao lado e devolverão a peça não encaixada para o montante de peças. O participante que terminar de encaixar a última peça do montante de peças de forma correta será o vencedor.

b) agora vamos auxiliar vocês a colocarem as peças na ordem, fazendo com que elas formem um texto.

c) vamos ao debate: Por que vocês escolheram essa ordem para as peças? O que pensaram para escolher essa ordem?

d) agora vamos distribuir e ler em grupo a crônica na íntegra.

carro * dono * pneu	O carro estava encostado no meio-fio, com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha.
boca-aberta * moça * ônibus	Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo "Pode deixar". Ele trocaria o pneu.
estepe * homem * macaco * moça * pneu	- Você tem macaco? - perguntou o homem. - Não - respondeu a moça. - Tudo bem, eu tenho - disse o homem - Você tem estepe? - Não - disse a moça. - Vamos usar o meu - disse o homem. E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça.
carro * homem * pneu	Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar.

carro * meio - fio * moça * pneu	Dali a pouco chegou o dono do carro. - Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado. - É. Eu... Eu não posso ver pneu furado. Tenho que trocar. - Coisa estranha. - É uma compulsão. Sei lá
---	---

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade construída foi examinada por sete psicolinguistas e por quatro profissionais da saúde atuantes em ala psiquiátrica. Os resultados desse processo são apresentados e discutidos neste tópico.

Os profissionais da Psicolinguística relataram que a atividade foi bem elaborada, pois trabalha com o humor, a interação dos pacientes (recuperando a vida social e o trabalho em equipe), o desenvolvimento da consciência textual e da compreensão leitora.

Mencionaram também a presença da ludicidade como característica primordial na atividade, distanciando as atividades de uma “aula” de língua portuguesa convencional, e as transformando em um jogo, em uma brincadeira descontraída.

Um dos psicolinguistas fez questionamento sobre a compreensão leitora, se essa é do texto como um todo ou em partes do texto. Na verdade, a compreensão leitora proposta na atividade ocorre das partes para o todo, e para delinear a pesquisa foram escolhidos alguns aspectos da coerência: a progressão e a manutenção temática.

Os integrantes do grupo de psicolinguistas, exceto dois, afirmaram que a atividade sugerida vai ao encontro das teorias utilizadas na pesquisa (compreensão leitora e consciência textual com ênfase na progressão e na manutenção temática), enfatizando que a crônica foi dividida segundo as pressuposições narrativas de Adam (2011). Sendo assim, a partir dessa divisão a atividade contempla a progressão e a manutenção temática. Esses aspectos são relevantes para a coerência, que, por sua vez, é relevante para a consciência textual, objetivando assim a compreensão leitora. O debate sugerido na atividade também se utilizou do protocolo verbal oral (justificativa de como cada um pensou para chegar numa determinada resposta), sendo esse outro aspecto da consciência textual.

As respostas do corpo da saúde evidenciaram uma unanimidade nas percepções positivas sobre a atividade sugerida a ser aplicada na ala psiquiátrica. A atividade foi vista como sendo interativa, lúdica, divertida, descontraída, instigante, além de auxiliar na melhora da memorização, do juízo crítico e das relações interpessoais dos pacientes.

Ao elaborar a atividade foi pensado primordialmente que ela fosse descontraída e chamasse a atenção dos pacientes, trazendo algo novo, inusitado, tirando-os de certa monotonia e isolamento ocasionados pela internação. Além disso, a atividade propicia

que haja um diálogo, uma interação, um trabalho em grupo e uma socialização entre os pacientes numa situação de real aplicação, já que a atividade não propôs um trabalho individual.

Conforme o corpo de saúde, a atividade está de acordo e é apta para ser utilizada com os pacientes psiquiátricos internados. Além disso, foi afirmado que ela pode ser coadjuvante na promoção do bem-estar dos pacientes. O corpo médico, de uma maneira geral, afirmou que há uma melhora nos pacientes que frequentam alguma atividade de leitura. Dentre os motivos da melhora há: a produção por parte dos pacientes de algo que tira o foco da doença, pacientes mais estimulados, mais cuidados, maior tranquilidade e até redução de medicamentos no dia da atividade.

Assim, a atividade de leitura sugerida segue a proposta de auxílio na promoção do bem-estar desses pacientes, propendo um enfoque linguístico como direcionamento da atividade.

4 CONCLUSÃO

O objetivo do estudo aqui relatado foi construir uma atividade de compreensão leitora e de consciência textual a partir de um texto de estrutura narrativa dominante (crônica), com foco na progressão e na manutenção temática, que pudesse promover bem-estar aos pacientes psiquiátricos internados. Foi possível verificar as percepções dos profissionais da Psicolinguística e do grupo de profissionais da saúde, além de verificar em que medida acreditaram em que ela pudesse contribuir para a promoção do bem-estar de pacientes psiquiátricos internados.

A unidade de internação psiquiátrica tem por objetivo resguardar os pacientes que estão com alguma enfermidade psíquica que altere seu juízo crítico e sua capacidade no controle de condutas, podendo oferecer risco a si mesmo ou a outra pessoa (PACHECO, 2003). Sendo assim, há a necessidade de um manejo específico com esses pacientes, por meio de atividades grupais e/ou individuais visando ao restabelecimento do paciente para o convívio social.

Machado (2011) preconiza que atividades de leitura podem auxiliar os pacientes a enfrentarem as situações diversas na internação e a se distraírem, já que o paciente e a literatura dialogam. Com o intuito de criar uma atividade de leitura que pudesse promover o bem-estar de pacientes psiquiátricos internados, resolveu-se utilizar uma crônica composta de sequências narrativas dominantes. A escolha do gênero textual crônica e do tipo textual narrativo se deu pelo fato de a crônica ser atrativa para os

pacientes, já que possui uma linguagem coloquial, se utiliza muitas vezes do humor e trata de assuntos cotidianos (CÂNDIDO, 1992). Já a escolha pelo tipo narrativo ocorreu pelo fato de os pacientes já estarem acostumados a ouvir e a reproduzir narrativas em suas vidas.

A consciência textual foi um dos aspectos abordados na atividade, pois ela é responsável por voltar a atenção do leitor para o texto de forma consciente (GOMBERT, 1992). Dentre os aspectos da consciência textual, foi escolhida a coerência, pois através dela as ideias do texto são conectadas, sendo ela uma das responsáveis pela textualidade. Dentre as metarregras preconizadas por Charolles, o enfoque da pesquisa foi nas metarregras de manutenção temática e de progressão temática, objetivando, assim, um recorte teórico e um direcionamento para a atividade sugerida.

As percepções gerais das atividades obtiveram muitas respostas positivas. Grande parte das respostas dos profissionais da Psicolinguística considerou a atividade sugerida como sendo bem elaborada, interessante, humorística, interativa e que desenvolve os tópicos linguísticos (consciência textual, progressão temática, manutenção temática, compreensão leitora, tipo narrativo e gênero crônica) propostos. Para os profissionais de saúde, a atividade sugerida é lúdica, divertida, descontraída, apta para a aplicação, auxilia no bem-estar e pode obter uma boa receptividade pelos pacientes.

Os resultados mostraram a importância da interface entre a Psicolinguística e a área da Saúde, para um direcionamento teórico das iniciativas de humanização hospitalar através da leitura. A presente pesquisa foi também relevante para os estudos da Psicolinguística, já que contribuiu para novas interfaces, novos públicos e novos objetivos de investigação, direcionando os estudos sobre a consciência textual (progressão e manutenção temática) e a compreensão leitora para um novo propósito, a humanização hospitalar.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. **A Língua Textual**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, W. C. de. Além da catarse, além da integração, a catarse de integração. **Rev. bras. Psicodrama**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2019.

ALVES, M. H. H. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n.1/2, p.54-61, jan/jun. 1982.

ANTONELLO, I. C. F. Contar histórias e seu valor terapêutico. In: KETZER, S. M.; AMODEU, M. T.; SISTO, C. (Orgs.). **No mundo hospitalar, história também tem lugar**. 1ed. Porto Alegre:

EDIPUCRS, 2013, pp. 63-70.

BALCUNAS, Valentina. **La logoterapia y La biblioterapia: descubriendo el sentido de la vida através de La lectura.** Montevideo: Instituto de Logoterapia del Uruguay "Viktor E. Frankl", 2008.

CALDIN, C. F. **A leitura como função terapêutica: biblioterapia.** Encontros de n. 12, dez. 2001. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=11510>. Acesso em 06 jan. 2019.

CÂNDIDO et al., Â. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHAROLLES, M. **Introduction aux problèmes de la cohérence des textes.** Paris: Langue Française, 1978.

FERREIRA, S.P.A; DIAS, M.B.B: A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v.9, n.3, p. 439-488, set. /dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11>>. Acesso em 02 jan. 2019.

GLEITMAN, H.; FRIDLUND, A. J.; REISBERG, D. **Psicologia.** 6ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GOMBERT, J. **Metalinguistic development.** Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1992.

GOODMAN, K. S. Um jogo psicolinguístico de adivinhação. In: SINGER, H.; RUDELL, R. B. **Theoretical models and processes of reading.** 2. ed. Newark: International Reading Association, 1976.

HASSE, M. **Biblioterapia como texto: análise interpretativa do processo biblioterapêutico.** 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004.

KATO, M. **O aprendizado da leitura.** São Paulo, Editora Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1992.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, A. M. **Silenciosa Algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura.** São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36

MENDONÇA, T. C. P. de. As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação. **Psicologia Ciência e Profissão**, n.4, p. 626-635. 2005.

NEVES, P. A. **Compreensão leitora e consciência textual: um estudo sobre uma proposta de atividades para pacientes psiquiátricos internados.** 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7406>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ONOCKO-CAMPOS, R. T.; PALOMBINI, A. L.; LEAL, E.; SERPA JUNIOR, O. D.; BACCARI, I. O. P.; FERRER, A. L.; DIAZ, A. G.; & XAVIER, M. A. Z. Narrativas no estudo das práticas em saúde mental: contribuições das perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da antropologia médica. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(10), 2847-2857, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013001000009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S1413-81232013001000009>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ORSINI, Maria Stella. **O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia.** Comunicação e Artes, n.11, p. 145-149, 1982.

PACHECO et al., M. A. Aspectos do funcionamento de uma unidade de internação psiquiátrica de um hospital geral. **Rev. psiquiatria.** Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.25, supl.1, pp. 106-114, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a11v25s1.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2019.

PEREIRA, V. W. Arrisque-se... faça seu jogo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 47-63, 2002.

PEREIRA, V. W. & CABRAL, L. S. **Compreensão de textos e consciência textual: caminhos para o ensino nos anos iniciais.** Florianópolis: Insular, 2012.

QUAKNIN, M. **Biblioterapia.** Trad. de Nicolás Niyemi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANTANA, J. C. B. A visão pediátrica sobre o projeto de literatura infantil no hospital São Lucas da PUCRS. In: KETZER, S.M. & AMODEO, M. T. (Orgs.). **Histórias para ouvir, criar e contar: inventar ajuda a curar.** Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 20-22, 2007.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica.** Florianópolis: ACB, 2006.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias uma arte sem idade.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 2003.

SQUIRE, C. Reading narratives. **Group Analysis**, 38(1), 91-107, 2005.

VAN DIJK, T. A. **News as discourse.** Hillsdal, NJ: Erlbaum, 1988.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario.** Barcelona/Buenos Aires:

Ediciones Paidós, 2003.

VAN DIJK, T. A. Discourse, Context and Cognition. **Discourse Studies**. Vol 8(1): 159-177. London: Sage, 2006.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VERÍSSIMO, L. F. **Pai não entende nada**. Porto Alegre: L&PM, 1990.

Título em Inglês:

**COHERENCE IN NARRATIVE TEXT: AN INTERFACE BETWEEN
PSYCHOLINGUISTIC AND PSYCHIATRIC INPATIENTS**